

**UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA PERSPECTIVA SOCIOSSEMIÓTICA
DA LINGUAGEM NA CONCEITUAÇÃO DE DISCURSO PROPOSTA POR
FAIRCLOUGH**

**AN ANALYSIS ON THE INFLUENCE OF THE SOCIO-SEMIOTIC PERSPECTIVE
OF LANGUAGE ON THE CONCEPTUALIZATION OF DISCOURSE PROPOSED
BY FAIRCLOUGH**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p562-574

**Anielle Aparecida Fernandes de Moraes¹
Alexandre Ferreira da Costa²**

Resumo: Ao longo de sua elaboração teórica, Norman Fairclough promove uma significativa movimentação no conceito de discurso. Se no livro *Discourse and social change* (1992) o autor define discurso sob uma perspectiva tridimensional, em *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis* (1999), com a colaboração de Lilie Chouliaraki, Fairclough passa a pensar o discurso como um elemento semiótico da prática social. Na reflexão proposta por este trabalho, preconizamos que a mudança no panorama teórico referido foi, sobretudo, influenciada pela perspectiva sociosemiótica da linguagem, um pressuposto cunhado por Michael Halliday como um conjunto de sistemas e de significados abertos à vida social e entrecortados pelo contexto e pela cultura.

Palavras-chave: Halliday; Fairclough; Linguagem; Discurso.

Abstract: Throughout a theoretical elaboration, Norman Fairclough promotes an important change in the concept of discourse. If the book named *Discourse and social change* (1992) defines discourse from a three-dimensional perspective, in *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis* (1999), the author, in collaboration with Lilie Chouliaraki, discusses the term discourse as a semiotic element of social practice. In this sense, we defend that the change of concept promoted by Fairclough was influenced by the socio-

¹ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2021), Mestre em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (2009), Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (2007) e Graduada em Letras pela Universidade Paulista (2019). Docente na Universidade de Rio Verde. É integrante do Grupo de Estudos Transdisciplinares e Aplicados à Formação de Educadores (GRUPO PORTOS - UFG/CNPq). E-mail: aniellemorais@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1341-4048>

² Pós-doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (2015), Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2007), Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (1999) e Graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994). Docente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. É líder do Grupo de Estudos Transdisciplinares e Aplicados à Formação de Educadores (GRUPO PORTOS - UFG/CNPq). E-mail: alexandrecosta@ufg.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1243-1927>

semiotic perspective of language, an assumption made by Michael Halliday as a set of systems and meanings open to social life and intersected by the context and the culture.

Keywords: Halliday; Fairclough; Language; Discourse.

Introdução

Conhecida por seu viés transdisciplinar, que reúne teorias linguísticas e teorias sociais em uma combinação socioteórica para análise de discursos sociais, a Análise de Discurso Crítica (ADC) tem como um de seus principais nomes, embora não somente ele, o linguista e professor britânico, Norman Fairclough.

Um dos pontos de originalidade da Análise de Discurso Crítica³ consiste no fato de Fairclough reconhecer a necessidade de um diálogo transdisciplinar entre preceitos teóricos das Ciências Sociais – especialmente do Realismo Crítico, da Antropologia, da Etnografia e de estudos sobre a modernidade recente⁴ – e a Linguística Sistêmico-Funcional de Michael Halliday⁵, cuja contribuição à ADC se dá, principalmente, por ser uma teoria de base linguística e com foco no funcionamento do texto.

Norman Fairclough é propositor da chamada Análise de Discurso Textualmente Orientada, que empreende um estudo do texto como elemento de processos sociais, numa visão que compreende a linguagem em alinhamento com as dinâmicas e transformações da sociedade. Desse modo, a ADC estabelece uma estreita relação entre linguagem e poder, sendo este o ponto crucial de sua proposta: “Para a Análise de Discurso Crítica, a questão sobre como o discurso gradualmente reproduz as macroestruturas formam o ponto central do esforço de explanação”. (FAIRCLOUGH, 1985, p. 45, nossa tradução)⁶.

Diante desse cenário, interessa-nos, como objeto de pesquisa deste artigo, investigar um pressuposto de base linguística relacionado à Linguística Sistêmico-Funcional que, do nosso

³ Neste trabalho, ao utilizarmos o termo Análise de Discurso Crítica fazemos referência à abordagem teórica proposta por Norman Fairclough. Este autor foi quem primeiro utilizou a expressão ‘Análise de Discurso Crítica’ no artigo *Critical and descriptive goals in discourse analysis* (1985). Apesar disso, reconhecemos que outros importantes estudiosos também integram esse paradigma de estudos, a exemplo de Robert Hodge, Gunther Kress, Ruth Wodak, Teun van Dijk, Theo van Leeuwen, entre outros.

⁴ Em nossa reflexão, fazemos a opção pelo uso do termo ‘modernidade recente’ em lugar de ‘modernidade tardia’ ou ‘pós-modernidade’ por acreditar que o primeiro se constitui como tradução mais próxima do termo em inglês, ‘late modernity’.

⁵ Reconhecendo que há outros autores e representantes deste campo de estudo, neste artigo, todas as vezes que mencionamos a Linguística Sistêmico-Funcional estamos nos referindo aos pressupostos funcionalistas de Michael Halliday.

⁶ For critical discourse analysis, on the other hand, the question of how discourse cumulatively contributes to the reproduction of macro structures is at the heart of the explanatory endeavour.

ponto de vista, repercutiu sobre uma movimentação no conceito de discurso operada por Fairclough.

Muitos estudos, tanto em ADC quanto em Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), já se debruçaram sobre a influência e importância das metafunções da linguagem – um dos aspectos mais difundidos e aplicados da teoria de Halliday – na Análise de Discurso Crítica. Neste artigo, contudo, procuramos refletir sobre outro pressuposto hallidayano, apresentado pelo funcionalista anteriormente a sua discussão sobre as metafunções. Trata-se da perspectiva sociossemiótica da linguagem, segundo a qual Halliday defende que a linguagem é sempre entrecortada pelo ambiente de acontecimento e pela cultura. Daí porque qualquer relação entre linguagem, sociedade e cultura, para o autor funcionalista, somente poder ser extraída e pensada no texto e pelo texto.

Em outras palavras, defendemos que a perspectiva sociossemiótica da linguagem foi extremamente relevante e útil à reconceituação do discurso observada no inventário teórico de Norman Fairclough.

1 A reconceituação do discurso na abordagem discursiva de Norman Fairclough

Em sua obra mais notória e difundida mundialmente, *Discourse and social change*, publicada em 1992, Fairclough desenvolve um escopo de estudo que agrega análise linguística e teorias sociais em um modelo tridimensional de discurso. Embora esse enquadre apareça na teorização do analista de discurso pela primeira vez em *Language and power*, de 1989, é em *Discourse and social change* que o teórico o desenvolve e o aprimora, oferecendo um aparato de categorias metodológicas para a realização de pesquisas sob a perspectiva crítica de discurso.

O panorama teórico acima citado distingue entre três dimensões do discurso: texto, prática discursiva e prática social. Essas são três instâncias separadas para fins didáticos e metodológicos apenas, pois, na realidade, elas são indissociáveis e, sendo assim, articulam-se umas com as outras em um processo de interdependência.

Para Fairclough (2016⁷, p. 104), qualquer discurso é considerado simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e uma manifestação da prática social, dimensões que exercem, cada qual, uma função no trabalho do discurso. A instância do texto cuida da análise linguística e é desenvolvida pela investigação de categorias do texto focadas em vocabulário, gramática, coesão e estrutura social, para citar algumas.

⁷ Neste artigo, utilizamos a segunda edição em português de *Discourse and social change*, publicada pela Editora UnB, em 2016.

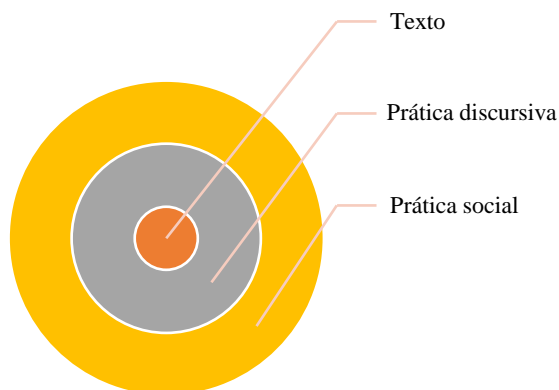
A prática discursiva, por seu turno, faz frente à natureza interativa do discurso, dada pelos processos de produção e interpretação textuais: produção, distribuição e consumo de textos, processos referentes a ambientes econômicos, políticos, institucionais, ou seja, à ambiência na qual o discurso é gerado. No domínio da prática discursiva são analisadas, por exemplo, relações dialógicas entre textos e outros textos (intertextualidade) e interdiscursividade, essa última marcada pelas relações entre ordens do discurso (FAIRCLOUGH, 2016, p. 99-100).

A forma com que os textos são produzidos, distribuídos e consumidos permite avaliar os tipos de conflitos e de consensos que organizam um determinado espaço social. Por decorrência, os modos pelos quais as cadeias de gêneros são constituídas, mantidas ou transformadas; a regulação dos discursos que são mobilizados, com suas metáforas, implícitos, estilos e vocabulários; e a relação dessas características discursivas com outros fatores não discursivos são formas de mensurar e de avaliar os modos de organização social, seus aspectos ideológicos e hegemônicos (COSTA, 2013, p. 22).

Já a dimensão da prática social requer pensar sobre questões de interesse social, o que pode englobar circunstâncias institucionais e organizacionais do evento discursivo e como elas moldam a prática discursiva. A análise da prática social revela como lutas hegemônicas concorrem no e a partir do texto, colaborando, entre si, para o funcionamento de ideologias. A prática social como dimensão do discurso explica a dialética entre discurso e sociedade, especificamente traduzida na relação entre prática e estrutura social, sendo a última tanto condição quanto efeito da primeira.

Na figura a seguir, podemos ver, didaticamente, o funcionamento do discurso a partir da concepção tridimensional em que os três domínios – texto, prática discursiva e prática social – se organizam em processos historicamente situados da vida social.

Figura 1 – Compreensão tridimensional do discurso



Fonte: FAIRCLOUGH (2016, p. 105), com adaptações.

A abordagem tridimensional do discurso permite avaliar as relações entre mudança discursiva e mudança social, expressando, sistematicamente, propriedades detalhadas de textos e propriedades sociais. Em outras palavras, o modelo analítico tridimensional relaciona o estudo do material linguístico textual à avaliação das práticas sociais, por meio do exame das práticas discursivas.

Das três dimensões propostas por Fairclough em 1992, a prática social é a que agrega a maior complexidade teórica, tendo em vista o seu papel de articular o complexo social ao campo do linguístico, cuidando, no entanto, para não se deixar reduzir a uma discussão simplista e ingênua de correção linguagem/contexto. A prática social é pensada e teorizada para dar conta de um cenário que pressupõe a solução de problemas sociais relacionados à expressividade linguística de toda ordem.

Desse cenário teórico, Fairclough, em coautoria com Lilie Chouliaraki, avançou para outro, um pouco diferente. Ao publicar *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*, no ano de 1999, o autor passou a conceituar discurso como um elemento semiótico da prática social, conforme pode ser visto a seguir:

Devemos usar o termo “discurso” para nos referir aos elementos semióticos das práticas sociais. Discurso, assim, inclui linguagem (escrita e falada e em combinação com outras semióticas, por exemplo, com música cantada), comunicação não verbal (expressões faciais, movimentos do corpo, gestos, etc.) e imagens visuais (por exemplo, fotografias, filmes). O conceito de discurso pode ser compreendido sob uma perspectiva particular nessas várias formas de semiose – isso é visto como um momento das práticas sociais e sua articulação com outros momentos não discursivos. (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 38, nossa tradução).⁸

Para os autores, as práticas sociais constituem maneiras habituais nas quais as pessoas aplicam recursos (materiais ou simbólicos) para viverem coletivamente (CHOULIARAKI e FAIRCLOUGH, 1999, p. 21).

Uma das motivações para essa reorientação no conceito de discurso tem a ver com o objetivo de pesquisa assumido por Fairclough a partir do livro de 1999. *Discourse in late*

⁸ We shall use the term ‘discourse’ to refer to semiotic elements of social practices. Discourse therefore includes language (written and spoken and in combination with other semiotics, for example, with music in singing), nonverbal communication (facial expressions, body movements, gestures, etc.) and visual images (for instance, photographs, film). The concept of discourse can be understood as a particular perspective on the various forms of semiosis – it sees them as moments of social practices in their articulation with non-discursive moments.

modernity: rethinking critical discourse analysis foi escrito e divulgado dentro de um contexto de resposta transdisciplinar de Fairclough às críticas que recebeu por seu modelo tridimensional de discurso, no qual foi acusado de focar estritamente na análise linguística. Um dos pontos que motivou as críticas à obra anterior do analista de discurso, *Discourse and social change*, é o fato de ela trazer um grande número de categorias linguísticas para a instrumentalização da análise de textos.

Nessa esteira, pode-se dizer que a publicação de 1999 revela um tom político que busca reforçar a ADC como uma proposta de análise de discurso comprometida com uma agenda social e respaldada por teorias sociais críticas. Nesse enquadre teórico, o objetivo principal de Fairclough é refletir sobre mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de ação em estruturas cristalizadas da vida social. Daí porque, na nova definição que traz de discurso, a dimensão da prática social assumir protagonismo.

Construídas na vida social, as práticas sociais envolvem diferentes elementos da vida e, conseqüentemente, diversos mecanismos de atuação. Por isso mesmo, o termo prática pode ser usado no sentido de ação social, executada em hora e lugar particulares, configurando-se como algo sedimentado em uma relativa permanência, ou seja, um meio habitual de agir. Nesse sentido, é preciso reforçar, como fizeram Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 21), que as práticas sociais são movimentadoras de recursos semióticos particulares e se apresentam como maneiras específicas de usar a linguagem.

2 Relações entre a perspectiva sociosemiótica da linguagem e a reconceituação de discurso

Na abordagem proposta por Chouliaraki e Fairclough, em 1999, a linguagem é o elemento responsável por tornar a prática social também uma prática discursiva, o que justifica a compreensão de discurso como elemento semiótico da prática social. Nesse contexto, conjecturamos que a concepção sociosemiótica de linguagem, cunhada por Halliday, foi relevante e útil para o novo enquadre teórico faircloughiano. Essa noção de linguagem foi discutida em *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning* e em *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*, obras publicadas por Michael Halliday, respectivamente, em 1978⁹ e 1985¹⁰.

Compreender a linguagem dentro de um processo social ou como prática social, tal como Fairclough o faz, traz como implicação a ideia de que a linguagem precisa ser tomada sob um

⁹ Utilizamos a versão em espanhol, traduzida em 1982.

¹⁰ Utilizamos a edição de 1991, em inglês.

ponto de vista semiótico, razão pela qual o analista de discurso retoma o pressuposto hallidayano.

Halliday (1991, p. 04) esclarece que a linguagem, sob o ponto de vista da semiótica social, é um sistema aberto a mudanças sociais. Trata-se, neste caso, de um sistema de significado ou sistema semiótico que opera por meio de formas externas, os chamados signos. E sistemas não trabalham individualmente, isto é, eles são entrecortados por relações das mais diversas naturezas, sobretudo, aquelas que têm origem no social.

O autor funcionalista defende que todo ato de linguagem é um ato de significado. Significar é agir semioticamente e, nesse sentido, “a linguagem como semiótica social significa interpretar a linguagem dentro de um contexto sociocultural, em que a própria cultura é interpretada, em termos semióticos, como um sistema de informação.” (HALLIDAY, 1982, p. 10, nossa tradução).¹¹ Em outros termos, a semiótica social é “um entre um conjunto de sistemas e de significados que, juntos, constituem a cultura humana.” (HALLIDAY, 1991, p. 04, nossa tradução).¹²

Dito de outra forma, a linguagem é um potencial daquilo que alguém pode fazer no sentido linguístico. O que uma pessoa pode decidir fazer (como falante ou ouvinte) equivale ao que ela pode significar. Indo um pouco além nessa reflexão, o potencial da linguagem é o que podemos significar (sistema semântico) por meio do que podemos dizer (sistema léxico-gramatical) (HALLIDAY, 1982, p. 41).

Sobre o termo social, que acompanha a expressão semiótica social, duas considerações são importantes. A primeira é a de que o termo social é usado no funcionalismo para designar um sistema social, o qual pode ser considerado sinônimo de cultura. Disso decorre que a semiótica social passa a ser uma referência de sistema social ou sistema de cultura, um sistema de significados ou, ainda, um sistema cultural de significados. A segunda reflexão que precisa ser extraída do termo semiótica social é que a palavra social indica, para os funcionalistas, uma preocupação particular com as relações entre linguagem e estrutura social. Essa área de estudo considera a estrutura social como um aspecto do próprio sistema social (HALLIDAY, 1991, p. 04).

2.1 O papel do texto na mudança teórica de Fairclough

¹¹ [...] lenguaje como semiótica social significa interpretar el lenguaje dentro de un contexto sociocultural, en que la propia cultura se interpreta en terminos semióticos, como um sistema de informacion, se si prefiere esa terminologia.

¹² I would use the term 'semiotic' to define the perspective in which we want to look at language: language as one among a number of systems of meaning that, taken all together, constitute human culture.

Firmando-se em uma postura sociossemiótica da linguagem, Halliday defende que qualquer relação entre linguagem, sociedade e cultura só pode ser extraída e pensada no texto e pelo texto. A linguagem, nessa perspectiva, tem dois modos de funcionamento: a combinação (relações sintagmáticas) e a seleção (relações associativas ou paradigmáticas).

O texto é um conceito-chave no funcionalismo e se constitui a principal unidade de análise na Linguística Sistemico-Funcional. Para Halliday (1991, p. 10), texto é todo fragmento de linguagem viva, parte de um contexto de situação que produz significados, o que implica considerá-lo como uma unidade semântica e produtora de sentidos. Em outras palavras: “Texto é qualquer instância da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido para alguém que conhece a linguagem.” (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 4-5, nossa tradução).¹³

O texto é, dessa forma, uma rede de opções que determina o que um participante pode dizer sobre algo. Ele carrega um potencial para a realização de significados que constitui uma gama paradigmática de opções semânticas presentes no sistema a que os membros de uma cultura têm acesso em sua língua. Neste sentido, qualquer texto é apenas uma dentre uma série de possíveis textualizações.

Halliday (1991, p. 05, nossa tradução) assinala que a produção textual é inseparável de seu contexto que é variável, o que explica serem ambos, texto e contexto, partes de um mesmo processo: “Existe um texto e outro texto que o acompanha: um texto que está junto, nomeado de contexto.”¹⁴ Assim, a linguagem só existe quando ela passa a funcionar em algum meio. Isto é, ela precisa estar em relação com algum cenário, devendo ter associação com antecedentes pessoais e eventos dos quais derivam ‘o que se diz’ e ‘como se diz’. É o que se denomina por situação.

O contexto de situação se refere às circunstâncias extralinguísticas pertinentes ao uso produtivo da língua no momento da enunciação. “Utilizamos essa noção para explicar por que certas coisas têm sido ditas ou escritas em uma situação particular e o que mais poderia ter sido dito ou escrito mas não foi.” (HALLIDAY, 1991, p. 46, nossa tradução)¹⁵.

Além do contexto de situação, Halliday (1991, p. 07) também considera importante pensar na relação entre linguagem e cultura. O contexto de cultura tem muito a dizer sobre as condições sociais mais ligadas a costumes, moral, política, ideologia, que regulam uma determinada comunidade e que se manifestam linguisticamente em textos. Sendo assim, todo

¹³ The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language.

¹⁴ There is a text and there is other text that accompanies it: text that is ‘with’, namely the con-text.

¹⁵ We use this notion to explain why certain things have been said or written that was not.

processo interacional linguístico é tramitado por elementos que consideram o repertório cultural existente por trás dos participantes e das práticas nas quais eles estavam engajados no processo de feitura do texto.

Para Fuzer e Cabral (2014, p. 29), quando comparado ao contexto de situação (microcontexto), o contexto de cultura (macrocontexto) se mostra mais estável, uma vez que este último é composto por práticas, valores e crenças mais recorrentes, perpetuadas e compartilhadas em uma dada comunidade¹⁶.

Em um entendimento semelhante, Fairclough (2003, p.10-11) enxerga os textos como elementos de eventos sociais, pois o ato de falar ou escrever é uma das formas de agir e interagir no curso de eventos sociais. O pesquisador ressalta que parte do que está implícito em uma análise pautada nessa visão sobre o texto é que o pesquisador não deve se preocupar apenas com textos em si, mas também com processos interativos de produção de sentido, o chamado *meaning-making*, isto é, o processo de construção de sentidos.

Na construção de sentidos dos textos, o analista de discurso defende ser preciso considerar, de um lado, as estruturas e práticas sociais e, de outro, os agentes sociais envolvidos nos eventos sociais (FAIRCLOUGH, 2003, p. 10-11).

Entendendo que o texto, sob a perspectiva de Michael Halliday, é caudatário de uma noção sociosemiótica da linguagem e que Norman Fairclough, dentro de sua teorização, define e problematiza o texto de modo análogo a Halliday, então, podemos dizer que neste ponto reside uma das mais preponderantes relações entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise de Discurso Crítica.

Para Halliday (1991, p. 10) o texto é produto quando pode ser registrado e estudado, ou seja, uma construção que permite representar algo em termos semânticos. Mas ele também é processo, pois promove o movimento das relações de significados através de escolhas semânticas. Cada escolha textual e semântica constitui o ambiente para a próxima escolha.

Na mesma esteira, Fairclough assinala que o texto como processo está aberto a diferentes interpretações, as quais ocorrem de acordo com o contexto e com o(a) intérprete. Assim, a interpretação é um processo ativo em que os sentidos dependem dos recursos usados e da posição social do(a) intérprete. “Só ignorando esse processo dinâmico é que se pode construir

¹⁶ É inegável que, ao longo de sua teorização, Michael Halliday tenha discorrido de maneira mais ostensiva sobre o contexto de situação do que sobre o contexto de cultura. Demonstra isso o fato de o autor se concentrar no funcionamento dos textos e nas práticas de textualização, o que acabou direcionando seu enfoque para a relação texto/contexto de situação. Tal questão não será aprofundada neste artigo, embora possa, em outro momento e trabalho, ser discutida.

textos que simplesmente produzam efeitos ideológicos sobre um recipiente passivo.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 52). O analista de discurso assinala, ainda, que o texto figura como produto dos processos de produção e de interpretação textual, isto é, ele é resultado da interação social e nele podemos reconhecer vestígios do contexto que o origina, o que, em suma, contribui para descortinar estruturas sociais e ideologias vinculadas.

Sumariamente, Fairclough postula que nenhum processo – de produção ou de interpretação – pode ser completo sem considerar que eles são socialmente determinados, isto é, que todo texto é produto e processo do contexto social, de ações praticadas por agentes, em circunstâncias diversificadas. Portanto, é possível e necessário estudar (descrever, interpretar) textos como parte de processos e como eventos interativos que desenvolvem uma troca social de significados entre indivíduos singulares.

Claramente, a presença de aspectos funcionalistas na ADC se justifica pela forma como a LSF define e trabalha o texto: um recurso por meio do qual as pessoas interagem, fazem escolhas sobre o que dizer, a partir do sistema semiótico que lhe é disponibilizado. Para a Análise de Discurso Crítica, o texto se expressa na linguagem em uso, variável e parte irredutível da vida social. E é sob o respaldo desse pressuposto que Norman Fairclough reúne a análise linguística, baseada na LSF, e as teorias sociais críticas: porque seu objetivo é estabelecer uma análise de discurso orientada linguisticamente, que prioriza o texto e a interação com o social.

Magalhães (2005, p. 235) esclarece que, no enquadre da Análise de Discurso Crítica, o texto como elemento semiótico da prática social figura como contribuição discursiva produzida em um contexto social para ser retomada, incorporada, questionada, ecoada, ironizada ou transformada em outros contextos espaciais e temporais.

Não à toa, analistas de discurso filiados à ADC recorrem, com frequência, a pressupostos funcionalistas considerando a visão sociossemiótica da linguagem – embora sem mencioná-la explicitamente – para fundamentar teórica e metodologicamente a análise textual de seus objetos de estudos discursivos. Trata-se de uma postura que fornece subsídios para enxergar o que de linguístico há no social e o que de social há no linguístico, o que pode apontar, por exemplo, para as relações de dominação manifestas nos textos.

2.2 Implicações da perspectiva sociossemiótica no escopo da Análise de Discurso Crítica

A reacomodação conceitual operada por Fairclough também tem relação com considerações teóricas acerca da modernidade recente. Segundo o sociólogo Anthony Giddens,

o discurso exerce implicações fundamentais nesse período histórico, que é definido como uma fase de desenvolvimento das instituições modernas, baseada na acumulação flexível e na transnacionalização (GIDDENS, 2002, p. 221). Para o sociólogo, as mudanças geradas por economias baseadas no conhecimento e na produção de bens têm assumido um caráter cada vez mais linguístico.

Nesse contexto, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 113) entendem que a linguagem foi se tornando “parte do serviço em economias de serviço” da modernidade recente, o que a transformou em uma linguagem mais atraente e comerciável para atendimento de interesses econômicos, organizacionais, políticos e com o objetivo de lucro. Tal conjuntura explica como a linguagem passou a ocupar a posição central do modo de produção do novo capitalismo. E mais: como a linguagem se tornou objeto de interesse para estudo de questões sociais.

A constatação sobre o papel da linguagem na modernidade recente pode também, em certa medida, explicar o evidente estreitamento das relações entre o conceito de discurso e a perspectiva sociossemiótica da linguagem. Esse contexto histórico repercutiu na produção teórica do analista de discurso, sendo também isso o que consideramos como razão para que Fairclough passasse a definir o discurso como elemento semiótico da prática social.

Estudar a linguagem sob o viés da prática social demanda estudiosos atentos e comprometidos não apenas com a análise de textos, ou com a análise de processos de produção e interpretação, mas com a investigação das relações postas entre textos, processos e suas condições sociais: tanto as condições imediatas do contexto, quanto as mais remotas condições institucionais e estruturas sociais. Em outras palavras, os estudiosos, nesse campo de análise, devem priorizar as relações entre textos, interações e contextos (FAIRCLOUGH, 1989, p. 26).

Sendo a prática social uma instância intermediária, sua análise mantém o foco simultâneo nas potencialidades das estruturas (da qual o sistema semiótico é um exemplo) e na individualidade e flexibilidade dos eventos (linguagem manifestada por meio do texto). Desse modo, os textos não são efeitos diretos das possibilidades do sistema semiótico, mas de uma coparticipação do agente social capaz de agir criativamente diante das possibilidades que o sistema linguístico lhe coloca.

A conjuntura exposta revela que a definição de discurso de Fairclough foi se movendo da concepção de produto para a concepção de prática, no esforço de demonstrar que o objeto de estudo da Análise de Discurso Crítica não deve se limitar a uma análise excessivamente textual – de descrição linguística somente – nem a uma análise com foco puramente no social – relegando ao linguístico um papel menos importante. O objeto de pesquisa da Análise de

Discurso Crítica se concentra no âmago da prática social e, por isso, os estudos efetuados por analistas de discurso devem investigar como o potencial do sistema semiótico se concretiza em textos perpassados por matrizes de origem social, o que inclui pensar no discurso como terreno fértil para transformação social.

Considerações finais

Neste artigo, procuramos empreender uma discussão sobre a influência da perspectiva sociossemiótica da linguagem, cunhada por Michael Halliday, sobre o trabalho de pesquisa de Norman Fairclough, considerando, especificamente, o momento teórico em que este último autor promove uma reorientação no conceito de discurso. Nessa reorientação, o analista de discurso crítico parte de uma concepção tripartite – em que o discurso era visto como produto – para uma noção de discurso como prática – como elemento semiótico da prática social.

Neste sentido, conjecturamos que a perspectiva sociossemiótica da linguagem, definida como um conjunto de sistemas e significados abertos socialmente, se revelou útil à elaboração do novo conceito de discurso em Fairclough, especialmente por duas razões.

Primeiro porque, trabalhando com essa noção de linguagem, o analista de discurso pode se estabelecer sob uma postura que investiga a relação entre o linguístico e o extralinguístico, sem pender para uma análise excessivamente focada em categorias de linguagem. E isso é possível porque a perspectiva sociossemiótica da linguagem trabalha, justamente, a ideia de que a linguagem é social por natureza, o que implica sempre considerar o contexto do qual ela é parte.

Em segundo lugar, a perspectiva sociossemiótica oportunizou a Norman Fairclough desenvolver uma análise de discurso com potencial para a mudança social, o que inclusive constitui o ponto de originalidade de sua teorização. Ao trabalhar com uma visão de linguagem que produz e sofre efeitos no/do social, o autor revela o potencial dela enquanto instância capaz de agir sobre estruturas sociais, redefinindo-as e transformando-as.

Referências

- CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. 1. ed. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COSTA, Alexandre Ferreira da. O fantasma estruturalista e a Análise de Discurso Crítica. *Discursos Contemporâneos em Estudo*, v. 1, n. 2, p. 9-24, 2013.

- FAIRCLOUGH, Norman. Critical and descriptive goals in discourse analysis. *Journal of Pragmatics*, v. 9, n. 6, p. 739-763, 1985.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. 1. ed. New York: Longman Inc., 1989.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. 1.ed. London & New York: Routledge, 2003.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2014.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. 1. ed. Tradução: Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *El lenguaje como semiótica social: la interpretación del lenguaje y del significado*. 1. ed. Traducción de Jorge Ferreiro Santana. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1982.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Part A. In: *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Arnold, 2004.
- MAGALHÃES, Izabel. Análise do discurso publicitário. *Revista da Abralín*, v. 4, n. 1 e 2, p. 231-260, 2005.

Recebido em 30 de abril de 2022
Aceito em 12 de setembro de 2022